

Ruy e o Imperador

"Nunca me importei da sombra imperial. Da família reinante, nunca me acerquei".

BRITO BROCA

NA introdução da "Queda do Império", Ruy Barbosa declarou: "Nunca me importei da sombra imperial. Da família reinante, nunca me acerquei. Não tive jamais um momento de contato com a princesa ou seu consorte. Nem uma só vez compareci, em qualquer tempo, a solenidades, cerimônias ou recepções do paço. Ainda quando contemplado nas grandes comissões parlamentares, que o protocolo da câmara dos deputados incumbia de levar ao Imperador atos daquela casa, não acompanhava os meus colegas".

Essa indiferença ao trono, à família reinante estava longe, porém, de traduzir uma profissão de fé republicana. Se a monarquia em si mesmo não o entusiasmava, também a república em si mesma não seria capaz de arrastá-lo ao combate. Pouco lhe importavam as formas de governo; tôdas as constituições para êle equivaleriam, fôssem monárquicas ou republicanas, contanto que assegurassem "ao povo o governo representativo e ao indivíduo o regime jurídico da liberdade.

Do radicalismo à ação republicana

No entanto, quiseram as circunstâncias que êle passasse a ser um dos principais artífices do 15 de Novembro. A marcha dos acontecimentos colocaram-no numa posição infensa ao trono, facultando-lhe as armas com que deveria contribuir enormemente para a queda do Império.

Sempre se disse, e não será de mais repeti-lo, que os partidos políticos — liberal e conservador — entre os quais alternava o poder durante a monarquia, não passavam de agrupamentos de homens, sem que os diferenciassem um corpo de doutrina. Agiam de acôrdo com as conveniências do momento, sem nenhuma fidelidade a princípios. Compromissos, se os havia, eram sempre pessoais, a coerência doutrinária não entrava no caso. Compreendendo bem isso, o Imperador não tinha nenhuma cerimônia em chamar outro partido para o poder, quando o que estava governando já não atendia às necessidades políticas do momento.

Sempre que no seio de um dos partidos surgia um elemento agindo em consonância com princípios, que pela sua natureza deveriam nortear a referida facção, era quase inevitável o choque com os correligionários.

Tal o desentendimento entre Ruy Barbosa e seus colegas liberais, do qual resultou derivar o político baiano para a ação republicana. Tinha

Ruy um programa liberal a cumprir. Se os companheiros, chamados ao poder, negavam-se a adotar êsse programa, por demasiado radical, êle se via na contingência de bandejar para a oposição, e a oposição no caso, levada às últimas conseqüências, identificar-se-ia com a campanha republicana. "Se a monarquia não quizer as reformas radicais, o partido liberal resolver-se-á em partido republicano" — eis um dos pontos de vista essenciais de Ruy. Essa lhe parecia a única solução liberal ante o agitado panorama político do Império, no começo do ano dramático de 1889. Mas era a solução que os liberais, sem compromissos doutrinários, não estavam dispostos a aceitar.

Contra os liberais e contra o trono

O que decidiu, afinal, da sorte de Ruy foi a sua recusa a tomar parte no gabinete Ouro Preto. Chamando o Visconde de Ouro Preto para organizar o novo ministério, D. Pedro II confiava aos liberais a função de satisfazer os anseios de reformas, — que congestionavam o ambiente político da nação — dentro das normas e das conveniências da legalidade monárquica. Um sistema de reformas que contivesse, por meio de concessões hábeis, a marcha da revolução republicana. Encarregado de tão árdua tarefa, Ouro Preto pensou logo em recorrer ao concurso de Ruy Barbosa. Se não foi o Imperador o primeiro a sugerir o nome do político baiano, não resta dúvida que teria aprovado logo a idéia. Ruy sempre lhe despertara simpatia e admiração. Julgá-lo-ia um ótimo elemento para aquela hora de luta. O convite não deixaria de exercer profunda sedução no espírito de Ruy. Surgira-lhe, afinal, a oportunidade de galgar o poder, essa oportunidade, que o Conselheiro Dantas — amigo e protetor — se esquivara de conceder-lhe. Ruy, porém, resiste. Só tomaria parte no ministério se êste collocasse em primeiro lugar no programa de reformas que tivesse em mira, a implantação do regime federativo. Era um dos pontos essenciais do liberalismo de Ruy, aquêle pelo qual se vinha batendo tenazmente. Ouro Preto fêz ainda uma transigência: daria a descentralização, como um meio caminho para a federação. Ruy rejeitou o paliativo, de qualquer forma um índice do empenho de Ouro Preto em tê-lo como colaborador. Ou a federação ou jamais seria ministro. Consumada a recusa, formado o novo gabinete, a vereda que se abria logicamente à ação polí-

tica de Ruy Barbosa seria a de combater um governo, inlenso a reforma essencial por êle tão insistentemente reclamada. A oposição resultava da própria renúncia de Ruy, era o desdobramento natural do sacrifício que fizera. Ora, no momento em que o Imperador procurava escorar-se nos liberais, contra o caudal republicano, opor-se aos liberais equivalia a fazer o jôgo dos inimigos do trono. Pode-se dizer, assim, não ter sido Ruy Barbosa quem se tornou republicano; o republicanismo foi que se ajustou à posição por êle tomada. A perspectiva de vir a destruir o Império, para atingir os objetivos radicais, não o afligia; era completamente indiferente à sorte da dinastia.

A entrevista de São Cristóvão

Que no fundo não queria mal ao Imperador, isto é sabido. Muito pouca gente, entre os republicanos mais exaltados, ia a ponto de detestar o monarca. Atacavam-no, como o atacaram muitos monarquistas, por necessidade política; no fundo concordavam em julgá-lo um bom homem. Um bom homem, que poucas vêzes chegava a despertar mais do que uma fria simpatia, pelo qual ninguém se mostraria, na hora do perigo, disposto a um verdadeiro sacrifício. O próprio Deodoro lamentara ter de magoar o pobre do velho, sem que tal consideração viesse a embarçar-lhe os passos.

Houve um momento, porém, em que Ruy Barbosa se aproximou de D. Pedro, e se o monarca fôsse dotado de mais calor humano ou de maior habilidade, talvez o conquistasse para sempre. Foi por ocasião da campanha de Ruy, na Câmara, pela reforma do ensino. Nenhum assunto poderia exercer mais viva atração sobre o Imperador. O monarca tinha uma quase mania pelas questões de ensino. Costumava dizer que se não fôsse rei preferia ser mestre-escola. Costumava presidir em pessoa exames e concursos para o magistério. Gostava imensamente de assistir aulas e ao assistilas, nunca declinava de arguir os alunos. Arguia também os professôres sobre métodos didáticos, deixando-os, às vêzes, em palpos de aranha.

Ora, o ensino sempre constituiu também uma das grandes preocupações de Ruy Barbosa. No arquivo da casa de São Clemente existem vários compêndios de aritmética, álgebra e geometria por êle traduzidos, naturalmente com o propósito de facultar melhores instrumentos de estudo aos alunos, numa época em que os manuais por aqui adotados deviam ser os mais ronceiros e antiquados. Os esforços de Ruy em prol da educação lhe valeram o título de Conselheiro concedido por D. Pedro II. Quando se tratava da organização do ministério Dantas, o monarca viu com a maior simpatia a lembrança do nome de Ruy para uma das pastas, e se o futuro autor das "Cartas de Inglaterra" não chegou a ser nomeado, a culpa não foi, certamente, do Imperador.

A 3 de novembro de 1884, em vésperas de disputar nova eleição e sentindo os obstáculos que o antolhariam, Ruy atendendo a um convite do

Imperador, por intermédio do Conselheiro Dantas (convite que, na realidade, era mais do que uma ordem) dirige-se a São Cristóvão a fim de avistar-se com o monarca. A maneira pela qual êle recorda o encontro bem mostra a possibilidade de um entendimento definitivo entre ambos. O Imperador, muito amável toma-lhe a mão e o conduz a um gabinete, onde tudo já parecia arranjado para a conversa íntima. Depois de fazê-lo sentar Sua Magestade vai buscar os dois pareceres e projetos acêrca da reforma dos três ensinos, da autoria do deputado baiano e que dormiam na Câmara, "de onde passaram ao môfo e à traçaria dos arquivos". "Sentou-se — escreve Ruy — e de joelho contra joelho, numa familiaridade que para logo me dissipou acanhamentos e receios, como em cavaco íntimo entre iguais ou camaradas; percorrendo as notas e tarias que trazia margeadas e comentadas às páginas dos dois livros, creio que encadernados, me submeteu a formidável sabatina, numa dohadoura contínua de obieções e perguntas, serrilhando, uma trás outras as questões e dificuldades como fios de fuso entre os dedos de amestrada fiandeira. Seriam mais ou menos três horas da tarde, quando o Imperador se levantou, despedindo-me com a mesma boa sombra, cortesia e descerimônia com que me recebera".

Ruy acrescentará ainda que o monarca lhe parecera "um coração aberto a excelentes sentimentos, um espírito acessível às idéias mais progressistas".

Outra afinidade que podia concorrer para aproximar os dois espíritos seria o amor que ambos votavam aos livros, o gosto pelo estudo. O Imperador, como Ruy Barbosa, era um homem que estava sempre com o livro na mão. Mas a natureza dessa atração não se assemelhava, absolutamente, em ambos. Enquanto Ruy tinha um conceito pragmático do estudo e da cultura, o Imperador estudava simplesmente por diletantismo.

O encontro da tarde de 3 de novembro não deixou, pois, marca muito profunda no espírito de Ruy. Mas é natural que se tivesse recordado dessas horas passadas em São Cristóvão, quando, da amurada do Flamengo, viu afastar-se o navio, em que partia para o exílio D. Pedro II.

"— Que é isso, seu Ruy, até você, você que mandou o homem embora?... — dissera-lhe um amigo, ao lado, surpreendendo-o com lágrimas nos olhos.

Um momento de emotividade e nada mais. "Nunca me importei da sombra imperial" — diria Ruy.

Entretanto, da sombra imperial recebera êle um estímulo e um conforto nos dias dramáticos da campanha civilista. Getúlio das Neves escreveu-lhe, reportando-se à frase do Imperador exilado, dirigida aos monarquistas que o cercavam em Cannes: "Nas trevas que caíram sobre o Brasil a única luz que alumia no fundo da nave é o talento de Ruy Barbosa".